

## SOCIEDADE

# Entrega voluntária de bebês cresce, e adoções caem

Programa do TJDFT permite a mães entregar os filhos à adoção após o nascimento, caso não tenham condições de criá-los. Nos dois anos de pandemia, quantidade desses processos cresceu. Contudo, procura de famílias por perfis específicos mantém meninos e meninas em abrigos

» ANA ISABEL MANSUR  
» EDIS HENRIQUE PERES

### Como funciona

Saiba o que é necessário para recorrer ao Serviço de Acompanhamento para Gestante

- » Estar em qualquer nível da gestação ou ter acabado de dar à luz, mas sem condições para assumir os cuidados com o bebê;
- » Buscar a Vara da Infância e da Juventude (VIJ) espontaneamente ou ser encaminhada pela rede de saúde e de assistência social.
- » O atendimento é gratuito, feito na Seção de Colocação em Família Substituta da VIJ, na 916 Norte. Se necessário e pedido pela mãe, o acompanhamento pode ser domiciliar. Após entrevista psicossocial, o relatório do caso será emitido ao juiz da vara. O serviço fica disponível nos dias úteis, das 12h às 19h.

### Passo a passo

Confira os requisitos para adotar crianças ou adolescentes

- » Ser maior de 18 anos e, ao menos, 16 anos mais velho do que a criança ou o adolescente. O estado civil não faz diferença para o processo;
- » Procurar a Defensoria Pública ou assistência jurídica particular para dar entrada no Sistema Nacional de Adoção (SNA);
- » Procurar a Vara da Infância e da Juventude (VIJ) da cidade ou região;
- » Passar pelo curso obrigatório de preparação psicossocial e jurídica oferecido pela VIJ.

Depois de o grupo mapear a história de cada uma, um juiz avalia os respectivos casos e toma uma decisão.

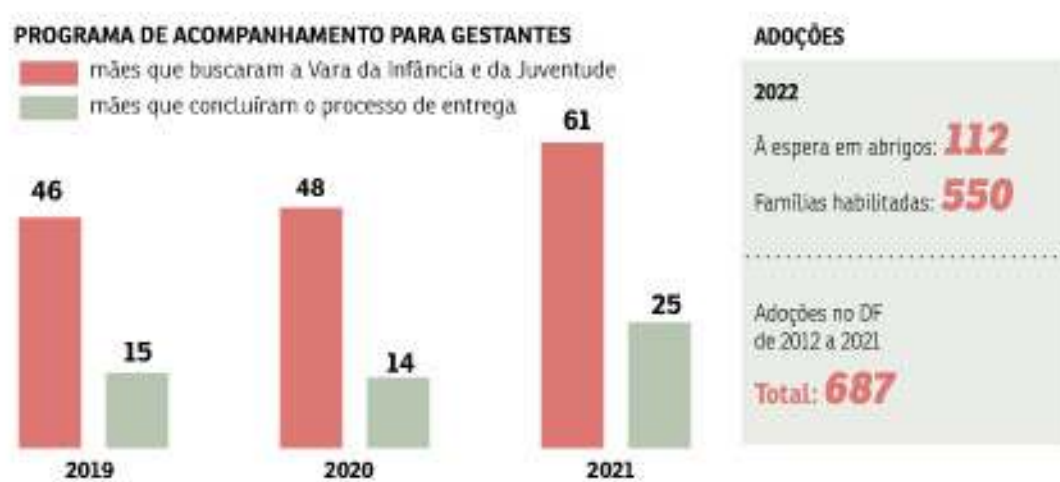
Coordenadora do curso de serviço social da Universidade Católica de Brasília (UCB), Moema Bragança destaca que essa iniciativa surgiu para legalizar as adoções. “Na década de 1980, principalmente, ocorriam muitas adoções informais, e as crianças eram registradas como filhas de outras pessoas. A estratégia (atual) é uma garantia dos direitos femininos, bem como um avanço no suporte e para prevenção das vulnerabilidades sociais. Muitas vezes, as pessoas têm dificuldade em discutir esse tema e não entendem como o programa é importante para

### Projeto

Nos dois primeiros anos da pandemia, houve aumento da entrega de crianças à adoção, de 14, em 2020, para 25, no ano passado. No entanto, a iniciativa que garante esse direito ainda é pouco conhecida. O Programa de Acompanhamento a Gestantes do TJDFT existe no Distrito Federal desde 2006. O projeto pioneiro acolhe mães que não querem ou não têm condições de assumir os filhos. Elas são atendidas por psicólogos, pedagogos e assistentes sociais.

### Comparativo

Nos últimos três anos, aumentou a procura de mulheres pelo programa de acompanhamento de gestantes



### PERFIL DOS ADOTADOS (2012 - 2021)



Em 2012 e 2021, apenas um adolescente foi adotado. Em 2013, 2014 e 2015, nenhuma criança maior de 12 anos passou pela adoção.



Fonte: Vara da Infância e da Juventude (VIJ) do TJDFT



Neidson, Frederico e o filho do casal, Alexandre: mudança de vida

a mãe não corre o risco de ser prejudgada ou constrangida, porque o foco é sempre respeitá-la e conservar a intimidade dela. O que queremos é que ela possa construir, com segurança, a melhor decisão. Não estamos ali para convencê-la a entregar ou a desistir do bebê, mas para proporcionar um suporte e um espaço de reflexão”, explica.

### Adoção

Walter detalha que, após o nascimento do bebê, a interessada no processo de entrega participa de uma audiência de ratificação, para confirmar a decisão. “A legislação garante

**No programa, a mãe não corre o risco de ser prejudgada ou constrangida, porque o foco é sempre respeitá-la e conservar a intimidade dela”**

Walter Gomes, supervisor da área de adoção no TJDFT

à mulher o direito de desistir e manter o filho”, acrescenta Walter. O supervisor observa, no entanto, que a adoção no Brasil ocorre a passos lentos. “E isso não tem qualquer relação com a burocracia, mas, sim, com o desejo das famílias habilitadas, cujo perfil (de preferência) é extremamente fechado. No curso de preparação, estimulamos, por exemplo, a adoção tardia e interracial, mas 90% delas querem crianças de até 2 anos, saudáveis e sem irmãos”, lamenta.

De 2019 para cá, segundo o supervisor do TJDFT, houve queda no número de adoções concluídas na capital federal. Mais de 500 famílias encontram-se habilitadas, cerca de 300 passam por essa etapa e 112 crianças aguardam na fila. Em 2016, os servidores públicos Neidson Nobre, 43 anos, e Frederico Nobre, 45, enfrentaram esse processo para adotar Alexandre Nobre, 13. O casal esperou dois anos até conseguir passar por todos os trâmites. “No fim, permitir que nossa família crescesse e perceber que alguém nasceu para nós foram os motivos que me levaram a isso”, conta Neidson.

Frederico relata que, apesar de demorado e burocrático, o processo de adoção de Alexandre ocorreu de maneira tranquila. “Não tivemos problemas com a VIJ, com o Tribunal de Justiça nem com a instituição que abrigava nosso filho. Tivemos toda uma mudança de perspectiva em relação à vida, aos relacionamentos e ao que é certo e errado. A adoção é um ato de amor, mas não é um conto de fadas. É preciso ser realista e entender que há perdas durante o processo”, pondera o morador da Asa Norte. Ele ainda aconselha: “Não embarquem na jornada sem a clareza do que realmente desejam para a família e sem a compreensão de como é o processo de adoção. Estamos falando de uma ‘gestação’ muito longa, com ansiedade e resignificação do que entendemos como família”.

## Desafios inerentes à vida em família

Ao contrário do que pode acontecer em uma gestação, a adoção não ocorre por acidente. Quem deseja ser a nova família de uma criança só pode fazê-lo depois de um longo processo legal. E, se há aspectos diferentes entre a família adotiva e a biológica, as semelhanças também existem. A vontade de ter um filho envolve, geralmente, uma idealização,

e isso pode levar, em consequência, a uma desconsideração das particularidades de cada indivíduo.

No caso da adoção, a nobreza do ato não esconde percalços. O professor Leonardo Teles Dias, 33 anos, viveu isso de perto. Em julho de 2018, ele e o então companheiro adotaram Wendel Sousa Teles, 12. À época, o menino havia sido devolvido pelas famílias adotivas em

duas ocasiões anteriores. Depois de três anos com os novos pais, Wendel e o ex-marido de Leonardo começaram a ter atritos frequentes. “Eles não conseguiram desenvolver um vínculo. Esse foi um dos grandes motivos da nossa separação (Leonardo e o ex). Foi muito difícil, mas tive de fazer uma escolha. Meu companheiro conseguiria se resolver na vida, mas o Wendel, não. Na

família anterior, também ocorreu um momento em que o marido teve de escolher entre a esposa e o filho. O casal optou por continuar junto e devolveu a criança”, relata.

Com esses percalços, o começo da relação com o filho teve desafios. Porém, com o tempo, Leonardo percebeu que tudo de que Wendel precisava era a sensação de ser amado. Após a separação e

o afastamento da família do professor — que lidou com brigas motivadas pela adoção e por homofobia —, pai e filho tornaram-se alicerces um do outro. “Somos só nós dois contra o mundo e cuidamos muito um do outro. Encontrei um amor verdadeiro. Quando estou doente, por exemplo, ele fica desesperado, perguntando do que eu preciso o tempo todo. Valeu a pena, em todos os

sentidos”, completa o educador, emocionado e orgulhoso.

“O amor é uma construção, ele não vem de um dia para o outro. Por isso, é tão difícil e há tantas devoluções (de crianças e adolescentes adotados), porque as pessoas criam ilusões e expectativas. As crianças têm histórias e vivências; nós não conseguimos apagar isso. É preciso aprender a lidar”, conclui.